

**entrevista**



## Pesquisando a telenovela no Brasil

Para este número, especialmente dedicado ao melodrama, a revista *ECO-Pós* entrevistou Maria Immacolata Vassalo Lopes, professora titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Maria Immacolata vem se dedicando ao estudo da telenovela há mais de dez anos, tendo como suas principais preocupações os estudos de recepção e a questão metodológica. É autora de diversos livros, entre eles *Pesquisa em comunicação* (1990) *Vivendo com a telenovela* (2002), junto com Sílvia Borelli e Vera Resende, e *Telenovela: internacionalização e interculturalidade* (2004).

Nesta entrevista, Maria Immacolata faz um balanço da pesquisa sobre telenovela no Brasil e conta como funciona o Núcleo de Pesquisa de Telenovela da ECA/USP, de que é coordenadora. Fala ainda sobre a experiência do Obitel (Observatório Ibero-americano da Ficção Televisiva), rede que reúne diversos pesquisadores e realiza o monitoramento dos programas de ficção da TV aberta em nove países: Brasil, México, Venezuela, Colômbia, Chile, Argentina, Portugal, Espanha e Estados Unidos.

*Ana Paula Goulart Ribeiro*

Quando e por que você começou a fazer pesquisas sobre telenovela?

Tudo começou com meu interesse por cultura popular, que foi a linha de minhas pesquisas iniciais. Meu mestrado foi sobre rádio e recepção entre as classes populares. Foi através desse trabalho que descobri Gramsci. Priorizei uma abordagem renovada sobre a existência das culturas populares, não uma concepção derivada, e que tem uma espessura, como diz Gramsci, que tem uma “existência própria”. A questão da ideologia se coloca também de uma maneira particular e não propriamente de uma forma grosseira, enfim. Primeiro, eu queria trabalhar a cultura popular. O rádio foi minha primeira incursão e, depois, eu me detive às questões de recepção, alimentada por esse meu interesse no cotidiano das culturas populares, na existência

dessa realidade. As minhas pesquisas sobre recepção me levaram à telenovela. Nesse momento, houve um marco que foi um convite, em 1985, para fazer parte de um projeto latino-americano de estudo das telenovelas, uma proposta de Jesús Martín-Barbero. Não é fácil trabalhar a telenovela, porque ela não é um texto escrito. Eu não vou trabalhar apenas o *script*, e também não é apenas a dramaturgia, mas é um conjunto. Para mim, precisava ser um trabalho que desse conta da exploração metodológica. A idéia era trabalhar a telenovela não como um produto isolado, mas dentro da concepção de produção e de recepção. E, para isso, eu me detive na questão das mediações, vendo mediações na telenovela e ela mesma como mediação de uma coisa maior.

Em que período você começou a fazer essas pesquisas?

Está fazendo dez anos. Ao mesmo tempo, paralelamente, já existia o Núcleo de Pesquisas de Telenovela da ECA/USP. Então, um conjunto de pesquisadores e pesquisadoras se reuniu para propor um projeto temático à Fapesp com o objetivo de abordar a telenovela no Brasil. O meu subprojeto foi de recepção de telenovela, que acabou se tornando o *Vivendo com a telenovela*, um livro feito com os resultados da análise de recepção por quatro famílias de uma mesma telenovela, que foi *A indomada*. Existe uma coerência nesse percurso. Meu interesse era a descoberta da telenovela e, até hoje, eu ainda estou descobrindo. Da questão da metodologia eu não abro mão, da questão de como abordar a telenovela de tantas e variadas formas. A partir disto, dessa pesquisa sobre telenovela, que foi um conjunto de estudos de caso, eu quis dar um outro passo, que foi o do Observatório da Ficção Televisiva. A idéia era deixar de fazer estudos de caso e tentar ver a partir de uma perspectiva maior, de um paradigma de sociedade brasileira mesmo.

Explica um pouco, então, o que é o Observatório Ibero-americano da Ficção Televisiva, o Orbitel.

Em termos acadêmicos, o Observatório é resultado de um pós-doutorado que eu fiz na Itália, quando eu já mexia com a telenovela. Eu tinha terminado a pesquisa de recepção das quatro famílias, e surgiu a idéia de dar esse outro passo, de trabalhar numa perspectiva societária, histórica e cultural. Eu já conhecia o trabalho que era feito na Itália de um observatório da ficção televisiva e de sua perspectiva internacional. Lá, existe um observatório nacional e outro europeu. A minha idéia era concretizar, da perspectiva do Brasil, a proposta de Jesús Martín-Barbero, que era uma proposta para a América Latina, e ao mesmo tempo abordar um tema tão importante, ou um produto cultural tão importante, que era pouco trabalhado, ou

talvez abordado de forma concentrada em certas balizas. Então, a idéia do monitoramento veio daí. Eu trouxe essa experiência para adaptar para o Brasil. A minha proposta era fazer um observatório da ficção televisiva no Brasil e, depois, montar um observatório latino-americano, que acabou se tornando ibero-americano, com a entrada da Espanha e de Portugal. Esse monitoramento é feito com uma metodologia comum. Fomos oito pesquisadores em reunião para elaborar essa metodologia. Agora, já temos o anuário de 2006, que está saindo em 2007. Cada pesquisador faz o retrato do que foi a oferta e a audiência da ficção televisiva em seu país. Isso tem sido o Obitel, o Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva. E é uma coisa inédita, no sentido de reunir países que têm produção de telenovela, além da produção de séries e minisséries. Em cada país, os formatos mudam, porque são culturais, o que é uma coisa bem interessante.

Como você avalia o cenário da pesquisa sobre telenovela no Brasil do momento em que você começou, dez anos atrás, até hoje?

O cenário que eu vejo é de um tema que não só era pouco pesquisado, como havia resistência ao seu estudo, o que é diferente, por exemplo, de como se coloca a pesquisa do jornalismo ou do telejornalismo no campo da comunicação no Brasil. A pesquisa sobre a telenovela, entre os pesquisadores de comunicação, teve que acontecer, e o trabalho do Núcleo de Pesquisa de Telenovela foi importante. Nós mesmos, que fazíamos parte desse Núcleo, quando houve o incêndio em 2001, que acabou com o acervo, nos surpreendemos com a repercussão. Todo mundo só falava das coisas que o Núcleo fazia e promovia sobre a telenovela. Um levantamento que nós também fazemos no Núcleo é sobre o que se estuda de telenovela no Brasil. É muito vasto pensar que, por exemplo, em uma faculdade de engenharia, possa ter um trabalho sobre telenovela. Então, a gente tinha que começar um levantamento. Nós temos um dado que é o seguinte: foram produzidas 121 teses e dissertações sobre telenovela, até 2005, nos programas de pós-graduação em comunicação do Brasil. Se você pensar que as primeiras dissertações e teses de telenovelas são dos anos 1980, nós temos 25 anos produzindo 121 teses e dissertações. Eu acho que é pouco. Além disso, nós vamos levantar o que se estudou sobre telenovelas; estamos trabalhando nisso. Isso é possível através dos *abstracts*, nos quais você deve dar conta da metodologia, do foco da pesquisa, do objeto. Esse é um trabalho que está em andamento. Mas o que eu vejo é muito estudo de caso. Também me surpreenderam as transposições daquilo que a gente chama de intertextualidade: um romance que foi adaptado para televisão, o que já tinha sido de cinema e foi adaptado para televisão, mas principalmente de literatura (contos, romances etc.). Então, eu acho que há

muito o que fazer. Acho que, nessa questão de estudo de caso, a gente tem que andar um pouco mais, tem que ampliar. As pessoas não vêem “uma” telenovela, há uma cultura de telenovela, há uma cultura de televisão. O receptor forma sua própria programação. Ele pega um pouco da telenovela da *Globo*, pega uma outra importada do *SBT*, para depois pegar a das 21h da *Globo*.

O Obitel tem estreitado os laços com pesquisadores estrangeiros. Como você vê a especificidade da pesquisa no Brasil em comparação a de outros países? O que há de diferente na pesquisa latino-americana ou ibero-americana?

Eles mesmos reconhecem que a pesquisa de teleficação no Brasil é muito mais avançada que nos países deles. Isso eu acho que é notório. O que você tem são alguns pesquisadores que tradicionalmente se voltaram para isso e continuam. O que eu pretendi também em relação ao Obitel é que, existindo um pesquisador, vamos dizer, mexicano, como o Guillermo Orozco, ele possa servir como referência para a pesquisa de telenovela no México. Eu tenho que mencionar um programa de pesquisa de ficção de Jorge González: ele formou um grupo de pesquisadores interessantes, no qual estava uma pesquisadora que foi para os Estados Unidos, a Ana Uribe, por causa dessa coisa de ver o México de fora, pesquisando como as telenovelas eram vistas lá. Mas esse projeto terminou, e o Jorge está trabalhando com outra coisa. No Brasil, existe pesquisa, mas está muito localizada. Até mesmo por causa da grandiosidade da nossa produção, talvez em termos quantitativos igual ao México, mas melhor em questão de qualidade e com especificidades, eu acho que tem que haver uma expansão, tem que formar mais gente trabalhando com telenovela. Os trabalhos são bons, a qualidade das pesquisas é boa, é academicamente sustentável.

Como você vê a perspectiva de desenvolvimento dessa área de pesquisa no campo da comunicação?

Só posso ver de uma forma muito otimista, até por causa da questão hoje de se estar revendo conceitos, superando toda essa coisa – que ainda tem – de que telenovela é apenas divertimento, é alienação, é um produto feminino. Eu acho que essa área deve atrair cada vez mais pesquisadores. Eu vejo isso com bons olhos, inclusive em termos de linha de pesquisa de novos mestrados e doutorados. E quero, sem dúvida alguma, me voltar para isso. Em psicologia, eu sei que está havendo pesquisas; em letras, deve ter muito; em antropologia, principalmente, isso faz parte de um trabalho interessante. A minha intenção com o Obitel é colocar em contato pesquisadores que trabalham o tema e fazer com que os estudos se potencializem muito mais.

Esses levantamentos de teses, dissertações e trabalhos, vocês fazem no âmbito do Núcleo de Telenovela?

Isso mesmo. Nós temos muita solicitação de estudantes que querem vir consultar o acervo do Núcleo, o que é uma coisa muito interessante, porque é aí que se forma o interesse do futuro pesquisador em continuar a partir do que viu na iniciação científica ou no TCC, fazendo um mestrado e um doutorado. Eu acredito muito nisso.

Você estava falando do incêndio. O que o Núcleo tem, hoje, de acervo?

Com relação ao acervo, a gente deve colocar isso em uma perspectiva temporal. Sem dúvida alguma, o Núcleo continua sendo um centro de consulta, mas eu quero dizer que, hoje, você entra no YouTube e tem acesso a certas coisas que nem centros de pesquisa têm. Então, vamos relativizar um pouco. Sem dúvida alguma, vem gente consultar nosso acervo, porque nós gravamos programas, temos doações de revistas de época que falavam da telenovela, como a revista *Intervalo*, e inclusive cadernos da *TV Globo*. O que nós tínhamos e achávamos sensacional eram as sinopses, que na verdade eram obras de arte. Você não acredita o que a *Globo* fazia quando lançava uma novela. A sinopse era um produto importante para disseminar a novela na época do seu lançamento. Mas o Núcleo, hoje, é voltado para fazer principalmente eventos e encontros para reunir os pesquisadores e alavancar projetos de pesquisa. Vem gente de fora inclusive para ver o acervo que nós temos, as doações da *Globo*, as minisséries etc. Mas é preciso dar o Observatório para os pesquisadores brasileiros de ficção televisiva levarem a frente. E os eventos e os seminários, é preciso relacioná-los com o NP da Intercom. Eu acho que a Compós também deveria ter um GT específico sobre ficção televisiva, que já está um pouco dentro do GT sobre recepção. Há muita coisa a fazer, e eu realmente aposto nisso. As pessoas que entram nesse campo não saem mais no sentido da fidelidade ao tema de pesquisa. E é assim que tem que ser.